

in the discursive strategies of contemporary fiction of Teolinda Gersão and Ines Pedrosa, to better see if there we find characters very different from those produced by male authors.

KEYWORDS: modernity; women; fiction.

Recebido em 17 de junho de 2008; aprovado em 30 de setembro de 2008.

terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

ENTRE FILHOS E PANEAS: A IMAGEM DA MULHER NA LÍRICA BILAQUIANA

Marta Yumi Ando (UNESP/Bolsista CNPQ)

RESUMO: O presente estudo tem por objetivo analisar a ideologia patriarcal em *Poesias infantis* (1904) de Olavo Bilac, considerada uma das obras mais representativas da gênese da literatura infantil brasileira. Diante da leitura empreendida, constatamos que o modo como são construídas as imagens do homem e da mulher evidenciam a concepção patriarcal, uma vez que o poeta não apenas retrata, como também reforça a realidade social na qual predominava uma visão reducionista da mulher.
PALAVRAS-CHAVE: imagem da mulher, poesia infantil, Olavo Bilac.

INTRODUÇÃO

A hegemonia do patriarcalismo está presente em todos os ramos de nossas sociedades desde o Oriente Médio antigo e a antiguidade greco-romana. A Bíblia, a filosofia e a literatura não raro enfocaram a mulher através das lentes dessa ideologia e, segundo Bonnici (2003), só a partir do final do século XVIII, com a publicação, na Inglaterra, de *Vindication of the Rights of Woman*, de Mary Wollstonecraft, começou-se a questionar a opressão feminina. Com base na realidade social da mulher, analisamos, neste artigo, a ideologia patriarcal em *Poesias infantis* (1904) de Olavo Bilac, considerada uma das obras mais representativas do período formativo da literatura infantil brasileira.

Revestido de um caráter acentuadamente didático e moralista, o livro tematiza a família, o trabalho, o estudo, a pátria, a religião, o homem, a mulher, a infância, a velhice, os animais, datas comemorativas e virtudes como a caridade, a justiça e a coragem. O modo como são construídas as imagens do homem e da mulher sublinham a concepção patriarcal, uma vez que o poeta não apenas reproduz, como também reforça a realidade social, em que preponderava uma visão reducionista da mulher,

concebida como um ser cujo destino restringia-se à vida doméstica, à maternidade e à passiva dependência em relação ao homem, aplaudido como o provedor da casa.

A imitação e internalização do patriarcalismo mostram-se bastante salientes em algumas composições, tais como: “Meia-noite”, “Justiça”, “Ave Maria”, “A Borboleta”, “Ano-Bom”, “A Casa”, “Meio-dia”, “O Remédio” e “A velhice”. No entanto, focalizaremos, mais pormenorizadamente, o poema “A Avó”. E, para melhor evidenciarmos a concepção patriarcal aí presente, confrontamos tal poema com “O Avô” e, a partir da análise dos recursos estéticos empregados, abordamos os aspectos contrastivos, no tocante à distinção de tratamento conferido às figuras masculina e feminina, e que corroboram a referida ideologia.

A IMAGEM DA MULHER NA SOCIEDADE E NA LÍRICA BILAQUIANA

A reificação da mulher remonta à antiguidade greco-romana, pois sempre se delegou um vasto poder à figura do pai, considerado o dominus, o chefe supremo. Por mais forte que fosse a matrona, esta estava, via de regra, subordinada ao homem, visto que a autoridade daquela restringia-se ao lar. Com efeito, a lei romana concedia um poder excessivo ao marido, sem que pudesse haver qualquer contestação à autoridade deste. O homem traído tinha o direito não somente de repudiar a esposa, como também promover sua condenação criminal, e igualmente era lícito que o pai da adúltera matasse não apenas a filha, como também o cúmplice surpreendido em flagrante. Em suma, a mulher, não sendo dona de si, despida das próprias vontades e desejos, era encarada como mera mercadoria e simplesmente transferida de um poder para outro, isto é, das mãos do pai para as do marido.

No campo da filosofia, Platão e, sobretudo, Aristóteles, tiveram influência decisiva para a fixação do domínio masculino sobre o feminino. Afirma Bonnici (2003) que, para Platão, a mulher até podia governar, ser a guardiã da Cidade, mas somente se tivesse “alma masculina”. Por sua vez, para Aristóteles, a mulher era concebida como um “ser incompleto” e, segundo a visão do filósofo, cujos efeitos se fizeram sentir durante a Idade Média, a mulher, na reprodução, era apenas o solo que recebia a semente proveniente do homem, considerado o verdadeiro gerador.

Se, no Novo Testamento, há, como diz Bonnici (2003: 34), “um tratamento delicado e respeitoso de Jesus às mulheres e a participação ativa dessas nas assembléias”, no Antigo Testamento, embora haja muitas mulheres como Sara, Ágar, Raquel, Judite e Éster, que são elogiadas por sua inteligência, muitas vezes, no entanto, a mulher é tratada depreciativamente, como ilustram os trechos que se seguem: “[Deus] disse também à mulher: [...] Tu em dor parirás teus filhos, e estarás sob o poder de teu marido e ele te dominará” (Gên. 3:16, grifo nosso); “Por causa da formosura da mulher pereceram muitos, porque daí é que se acende a concupiscência como fogo” (Eclo. 9: 9); “Se uma mulher parir macho, será imunda sete dias [...] permanecerá trinta e três dias a purificar-se do seu sangue [...]. Mas se parir fêmea, será imunda duas semanas e permanecerá sessenta e seis dias a purificar-se do seu sangue” (Lev. 12:2-5). Neste

trecho em particular, percebe-se que se impingia maior impureza à mulher, em função do pecado original, cuja culpa se atribuía mais a Eva que a Adão.

A Bíblia prega a visão idealizada da mulher como santa, virtuosa, prestativa, sensata e amiga do silêncio (Eclo. 26:16-19), e uma passagem bíblica que revela o quanto as mulheres eram destituídas de direitos, sendo governadas pelo pai ou marido é a lei acerca dos votos das mulheres:

Se alguma mulher fizer um voto, e se obrigar com juramento, estando em casa de seu pai e ainda em idade de menina, se o pai souber do voto e não disser nada, está ela obrigada a seu voto. Porém se o pai, logo que o ouviu, o contradisse, o voto será nulo. Se ela já tiver marido e fizer algum voto, e se o marido, logo que o ouviu, não o contradisse, ficará ela obrigada ao voto. Mas se tendo ouvido-o e contradisser, e tornar nulas as suas promessas, o Senhor lhe perdoará (Núm. 30:4-9).

Portanto, historicamente, a mulher, submetida ao falocentrismo, tem recebido vários estereótipos, entre os quais cabe ressaltar o da “rainha do lar”, bastante curioso, aliás, em função de sua incoerência, já que os termos “doméstica” e “rainha”, implícitos na expressão “rainha do lar”, se contradizem; mas, ao mesmo tempo, criam um lugar comum bastante conveniente à cultura dominante, pois, como afirma Cademartori (1984: 34), “eufemiza a omissão social da mulher, coroando-a no recinto fechado em que ela circula. Sendo o lar o seu reino, ela nada tem a fazer fora dele”.

Nos poemas infantis bilaquianos, quando aparece a mulher, esta, sintomaticamente, aparece sob duas formas: na figura de mãe ou na de velha. Em relação à construção da figura materna, não há dúvidas de que o poeta reflete a milenar visão patriarcal, segundo a qual apenas são concedidos à mulher os papéis de dona de casa e de reprodutora biológica. Impedida de exercer um papel realmente ativo na sociedade, enclausurada no lar, a mulher tem seu papel restrito aos afazeres domésticos e à transmissão de lições didático-moralistas a seus filhos, conforme é possível constatar nos seguintes poemas: “Meia-noite”, “Justiça”, “Ave Maria”, “A Borboleta”, “Ano-Bom”, “A Casa”, “Meio-dia”, “O Remédio”.

Em “Meia-noite” (p. 319), a mãe, em um tom eufórico, diz ao filho amedrontado que fantasmas, gigantes e monstros não passam de invenções, e prega, sentenciosamente, o cultivo das virtudes: “– Nada receia, meu filho,/ Quem não se afasta do trilho/ Da Justiça e da Bondade”.

No poema “Justiça” (p. 315), um menino chega em casa chorando porque sentira inveja de alunos que foram gratificados por se destacarem nos estudos. A lição transmitida ao filho e, por extensão, à criança leitora vem, mais uma vez, da mãe, cujas palavras, em vez de incentivar o filho, parecem estar mais voltadas a puni-lo e humilhá-lo: “Pois querias então que, vadiando,/ Os outros humilhasses,/ E que, os melhores prêmios conquistando,/ Mais que os outros brilhasses?”

Em “Ave Maria” (p. 318), a figura materna aparece apenas para inculcar no filho valores como a religiosidade: “reza a Ave Maria!”; o empenho nos estudos: “Procura

a tua cartilha”; a prática de virtudes: “Pede a Deus que, generoso,/ Te faça justo e bondoso”; e a dedicação à família: “Filho bom e homem honrado”.

Outro poema em que a mãe aparece na condição de educadora moral é “A Borboleta” (p. 298-299), em que um menino pega uma linda borboleta preta e dourada, e, encantado, pretende espetá-la em um retrato, quando sua mãe, indiferente à ingênua alegria do filho, intervém somente para repreendê-lo com aspereza: “Para sem pena espetá-la/ Numa parede, menino,/ É necessário matá-la:/ Queres ser um assassino?”

Já em “Ano-Bom” (p. 331), a mãe aí presente é caracterizada por sua filha como boa, delicada, generosa. Mas, apesar de todos os qualificativos edulcorados, essa mãe também transmite lições morais, dizendo à filha que o que mais deseja é a “meiga bondade” desta.

Em “A Casa” (p. 339-340), observa-se, na 1.a estrofe, o engenhoso trabalho com a imagem das aves (metaforizando a figura materna), da asa (metaforizando a proteção fornecida pela mãe), do filho implume (metaforizando a criança, vista como um ser dependente e carente) e do ninho (metaforizando o próprio lar como sinônimo de calor e aconchego). Em síntese: o papel da mulher é novamente reduzido à maternidade.

No poema “Meio-dia” (p. 317-318), focaliza-se a dona de casa, eufemismo que camufla o fato de que, em vez de dona, há uma doméstica: “Nas casas ferve a panela/ Sobre o fogão, nas cozinhas;/ A mulher chega à janela,/ Atira milho às galinhas”. Através dessa figura subalterna, reforça-se a dependência da mulher em relação ao homem, na medida em que a “dona de casa” permanece confinada em seus afazeres domésticos, enquanto espera pelo retorno do verdadeiro dono da casa, que trabalha fora e possui, ao contrário daquela, um papel socialmente ativo.

Em “O Remédio” (p. 314-315), uma menina se recusa a tomar o remédio que lhe dão. São vãos os apelos da tia e não surtem efeitos as ameaças impacientes do pai, até que a mãe – com lágrimas e gemidos – acaba comovendo a criança, que, resignada, toma o remédio mansamente e ainda diz: “– Para não ver mamãe triste,/ Não sinto mau gosto em nada!”. Transmite-se, assim, uma visão marcadamente depreciativa da mulher, posto que a mãe vence a todos através do choro. Ao que parece, há a idéia implícita de que a arma mais poderosa da mulher não são suas ações, mas, paradoxalmente, sua fragilidade, geralmente corporificada por copiosas lágrimas.

A IMAGEM DA MULHER E DA VELHICE

Além da mãe e da dona de casa, Bilac tematiza a mulher idosa, enfatizando, neste caso, a decrepitude a que estaria reduzida a respectiva faixa etária. No poema “A Velhice” (p. 335-336), tem-se uma imagem extremamente negativa de uma idosa, que, colocada em contraste com a juventude do neto, é assim caracterizada: “não tem dentes; treme, como os doentes; se apóia a um bordão; mão fria como o gelo; triste o seu rosto; trêmula a sua voz; não ri” como os outros; e que confessa estar “farta de

viver”. Em suma, trata-se de uma imagem pejorativa de uma idosa, privada de ações, vontades e desejos.

Nosso foco de interesse, contudo, consiste no poema “A Avó” (p. 295-296), em que também se destaca a imagem da velhice como sinônimo de decadência. O patriarcalismo, nessa composição, é evidente, pois transmite-se uma clara inferiorização da mulher, que se torna ainda mais nítida se posta em contraste com outra composição bilaquiana – “O Avô”. Analisemos primeiramente “A Avó”:

- | | |
|----------------------------------|-------------------------------------|
| 1. A Avó, que tem oitenta anos | 21. Chama os netos adorados, |
| 2. Está tão fraca e velhinha!... | 22. Beija-os, e, tremulamente, |
| 3. Teve tantos desenganos! | 23. Passa os dedos engelhados, |
| 4. Ficou branquinha, branquinha, | 24. Lentamente, lentamente, |
| 5. Com os desgostos humanos. | 25. Por seus cabelos doirados. |
| 6. Hoje na sua cadeira, | 26. Fica mais moça e palpita, |
| 7. Repousa, pálida e fria, | 27. E recupera a memória, |
| 8. Depois de tanta canseira. | 28. Quando um dos netinhos grita: |
| 9. E cochila todo o dia, | 29. “Ó vovó! conte uma história!” |
| 10. E cochila a noite inteira. | 30. Conte uma história bem bonita!” |
| 11. Às vezes, porém, o bando | 31. Então, com frases pausadas, |
| 12. Dos netos invade a sala... | 32. Conta histórias de quimeras, |
| 13. Entram rindo e papagueando: | 33. Em que há palácios de fadas, |
| 14. Este briga, aquele fala, | 34. E feiticeiras, e feras, |
| 15. Aquele dança, pulando... | 35. E princesas encantadas... |
| 16. A velha acorda sorrindo, | 36. E os netinhos estremecem, |
| 17. E a alegria a transfigura; | 37. Os contos acompanhando, |
| 18. Seu rosto fica mais lindo, | 38. E as travessuras esquecem, |
| 19. Vendo tanta travessura, | 39. – Até que, a frente inclinando |
| 20. E tanto barulho ouvindo. | 40. Sobre o seu colo, adormecem... |

Composto em redondilha maior, oito quintilhas, com rimas cruzadas, esse poema deixa entrever um retrato negativo da velhice e da vida, que se mostra frustradora. Já nos primeiros versos dá-se relevo à mencionada decrepitude, posto que a avó, octogenária, além de fraca, aparece desiludida e amarga perante o leitor: “A Avó, que tem oitenta anos/ Está tão fraca e velhinha!.../ Teve tantos desenganos!/ Ficou branquinha, branquinha,/ Com os desgostos humanos”.

Assim, a decrepitude se presentifica tanto no plano físico (por ela estar fraca), como no psicológico (pelos desenganos e desgostos), o que é acentuado, no plano do texto, pela exclamação seguida de reticências, pela exclamação, pelos intensificadores tão, que antecede o adjetivo fraca (v.2), e tantos, que antecede o substantivo desenganos (v.3), e pela repetição enfática do diminutivo branquinha (v.4). Além disso, a aliteração do fonema surdo oclusivo palatal /t/ (tem oitenta/ Está tão/ Teve tantos) parece sugerir um modo de falar trêmulo, tartamudeado, evidenciando uma imitação estereotipada da fala de um idoso.

Na segunda estrofe, acentua-se o ar apático da avó, cuja principal “atividade” é dormir, o que nos mostram os verbos *Repousa* (v.7) e *cochila* (v.9-10). O cochilar é salientado pelo polissíndeto da conjunção *e*, pela dimensão temporal totalizante indicado por *todo o dia* (v.9) e *noite inteira* (v.10) e pela repetição do próprio verbo.

Em vista disso, a avó praticamente não vive; apenas sobrevive, pois passa dia e noite cochilando “depois de tanta canseira” (v.8). Relembrando a primeira estrofe, percebemos que ela está cansada dos desenganos sofridos (v.3) e dos desgostos humanos (v.5), que certamente não foram poucos, dada a reiterada presença do intensificador *tantos/ tanta*, que antecede desenganos e canseira. Em suma: atribui-se à avó uma vida reduzida a frustrações, cujo resultado é canseira, que, por sua vez, a faz dormir o tempo todo. Para quebrar a monotonia de seu eterno cochilar, só mesmo a algazarra dos netos, a invadir a sala em um furacão de juventude: “Às vezes, porém, o bando/ Dos netos invade a sala.../ Entram rindo e papagueando:/ Este briga, aquele fala,/ Aquele dança, pulando...”

A ruptura do triste e monótono cotidiano é marcada pela adversativa *porém*. Os netos são a própria afirmação da vida, o que se contrapõe à decadência da velhice, personificada pela avó. Nesta medida, a oposição *Juventude x Velhice* acentua o caráter decadente a que estaria sujeita a senilidade. A juventude dos netos é tão avassaladora, que a avó, antes fraca e desenganada, deixa-se contagiar, remoça e sorri diante de tanta travessura (v.19) e tanto barulho (v.20). Por fim, quando um dos netos lhe pede para contar uma história, o discurso proferido pela avó, com base em quimeras, é extremamente ingênuo. Imersa em uma dimensão ideal, ela traça um mundo cor-de-rosa habitado por fadas e princesas: “Conta histórias de quimeras,/ Em que há palácios de fadas,/ E feiticeiras, e feras,/ E princesas encantadas...”

Esse discurso mítico parece funcionar como alívio ou fuga para as amarguras da idosa, que, refugiando-se em um mundo fictício, tenta sufocar os desgostos sofridos no mundo real. O polissíndeto da conjunção *e* parece sugerir a lentidão da narrativa da avó a embalar o sono dos netos, sendo que a quimérica história parece não atrair muito a atenção das crianças, já que estas “a frente inclinando/ Sobre o seu colo, adormecem...” (v.39-40). Isso ocorre porque o conto de fadas é um mundo de sonhos que, distante da realidade, leva a um estado de languidez, sono e, conseqüentemente, de passividade ante o mundo real.

Já no poema “O Avô” (p. 313), composto de decassílabos heróicos, distribuídos em cinco quadras, com rimas cruzadas, o que logo se destacam são as ações do avô:

1. Este, que, desde a sua mocidade,
2. Penou, suou, sofreu, cavando a terra,
3. Foi robusto e valente, e, em outra idade,
4. Servindo à Pátria, conheceu a guerra.

5. Combateu, viu a morte, e foi ferido;
6. E, abandonando a carabina e a espada,
7. Veio, depois de seu dever cumprido,
8. Tratar das terras e empunhar a enxada.

9. Hoje, a custo somente move os passos...
10. Tem os cabelos brancos; não tem dentes...
11. Porém remoça, quando tem nos braços
12. Os dois netos queridos e inocentes.

13. Conta-lhes os seus anos de alegria,
14. Os dias de perigos e de glórias,
15. As bandeiras voando, a artilheria
16. Retumbando, e as batalhas, e as vitórias...

17. E fica alegre quando vê que os netos,
18. Ouvindo-o, e vendo-o, e lhe invejando a sorte,
19. Batem palmas, extáticos, e inquietos,
20. Amando a Pátria sem temer à morte!

Enquanto a avó passa o tempo todo dormindo, desiludida e amarga, em “O Avô”, logo de início destaca-se o passado guerreiro daquele que “Penou, suou, sofreu, cavando a terra,/ Foi robusto e valente, e, em outra idade,/ Servindo à Pátria, conheceu a guerra” (v.2-4). E que depois de tantas lutas, cumprindo o seu dever, ainda foi lutar no árduo dia-a-dia do trabalho rural: “E, abandonando a carabina e a espada,/ Veio, depois de seu dever cumprido,/ Tratar das terras e empunhar a enxada” (v.6-8). Portanto, só nas duas estrofes iniciais, já aparecem três temas: o espírito patriótico, o valor bélico e o ruralismo, sendo que o valor bélico é exaltado porque, na verdade, a guerra está diretamente relacionada ao sentimento pátrio.

Traçando um paralelo entre “O Avô” e “A Avó”, constatamos que a principal semelhança consiste na veiculação da imagem decrépita da velhice. Contudo, em “A avó”, essa decrepitude é bem mais evidente, tanto que é descrita em mais de três estrofes. Em “O Avô”, essa caracterização aparece apenas em dois versos: “Hoje, a custo somente move os passos.../ Tem os cabelos brancos; não tem dentes...” (v.9-10).

Em “O Avô”, também existe a oposição Juventude x Velhice; assim, os versos que retratam a velhice do avô se opõem ao seu passado heróico, verdadeiro campo de Marte. Nesse poema, é também a alegria dos netos que remoça o idoso, o que é introduzido pela mesma adversativa: “Porém remoça, quando tem nos braços/ Os dois netos queridos e inocentes.” (v.11-12). Enquanto a avó conta apenas histórias de quimeras baseadas em um mundo mítico, o avô conta histórias da própria vida, recheadas de valentia e heroísmo: “Conta-lhes os seus anos de alegria,/ Os dias de perigos e de glórias,/ As bandeiras voando, a artilheria/ Retumbando, e as batalhas, e as vitórias...”

As histórias de guerra têm por base o mundo real, que proporciona valentia, em contraponto ao mundo onírico exposto nas histórias da avó. Como afirma La-jolo (1982), enquanto o homem, nos poemas bilaquianos, faz coisas que integram um passado histórico, a mulher apenas diz coisas que integram o universo mítico. Na mesma medida, ao passo que ao homem cabem ações heróicas (papel ativo), à mulher cabem apenas discursos fantasiosos (papel passivo). A propósito, os verbos

utilizados contribuem para contrastar a inércia da mulher ao ativismo do homem: a avó, desgostosa com os desenganos, repousa e cochila o tempo todo, mas o avô, que não teve desenganos, penou, souou, sofreu, combateu; ou seja, se os primeiros verbos sugerem estaticidade, os segundos denotam dinamismo.

Além disso, a história do avô funciona como exemplo aos netos, infundindo neles e, por consequência, nas crianças leitoras, o mesmo ardor patriótico que os levaria a viver os mesmos “dias de glória” vividos pelo avô. Perfeito modelo de amor pátrio, ele faz com que os netos fiquem tão extasiados a ponto de não temerem nem a própria morte. Assim, através da alegria das crianças, transmite-se aos pequenos leitores que morrer em nome da Pátria é grandioso e, por isso, uma tal morte não deve ser temida: “E fica alegre quando vê que os netos,/ Ouvindo-o, e vendo-o, e lhe invejando a sorte,/ Batem palmas, extáticos, e inquietos,/ Amando a Pátria sem temer à morte!”

Desse modo, se com a sonífera história de quimeras contada pela avó os netos dormem, com a agitada história bélica narrada pelo avô eles ficam eufóricos, contaminados pelo ardor pátrio e chegam a bater palmas extáticos e inquietos (v.19). Nesse sentido, a recuperação dos contos de fadas pela avó torna-se apenas um motivo para seduzir o leitor para, em seguida, mostrar-lhe a falácia de seus encantos e a sua inferioridade ante a realidade das histórias vivenciadas pelo avô, muito mais pungentes e concretas. E isto, mais uma vez, reforça a concepção patriarcal no tocante à natureza dos discursos femininos, considerados fantasiosos, em contraposição aos discursos masculinos, considerados realistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível observar, há, em Poesias infantis, algumas composições em que Olavo Bilac realmente sublinha a concepção patriarcal, posto que reduplica a imagem da mulher como reprodutora biológica e doméstica, ou, mais eufemisticamente, como “dona de casa” e “rainha do lar”, ainda que o verdadeiro “dono” e “rei” do lar fosse não a mulher e sim o homem.

Na lírica bilaquiana, cada membro da família, em obediência aos moldes da estrutura familiar burguesa, cumpre seu papel estereotipado socialmente: à mulher cabe a função de cuidar do lar e dos filhos; a estes compete o dever de estudar, ser bons cidadãos e filhos exemplares; ao marido, o de garantir o sustento da família, sendo valorizado justamente em razão de seu domínio financeiro sobre os demais.

Em sua servil dependência ao paterfamilias, a mulher tem seu espaço limitado às parcas paredes do lar, e poemas como “A Borboleta”, “Meio-dia” e “O Remédio”, ao espelharem essa imagem, corroboram a condição subserviente a que estava confinada a mulher.

Por sua vez, o confronto do poema “A Avó” com “O Avô” permitiu-nos verificar que, de fato, a imagem da mulher aí moldada vai ao encontro da óptica patriarcal, na

medida em que o poeta acentua a inércia a que estava submetida a mulher, inércia que se torna mais saliente quando contrastada com o dinamismo, a intrepidez e o espírito guerreiro, reiteradamente enfatizados na imagem que se elaborou do homem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA SAGRADA. Trad. Antônio P. de Figueiredo. São Paulo: Círculo do Livro, s. d.

BILAC, Olavo. Poesias infantis. In: *Obra reunida* (Org. e Introd. Alexei Bueno). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

BONNICI, Thomas. Jamais foi um lugar ao sol: o feminismo e a literatura. *Outras Palavras: XIV Semana de Letras*, Maringá: UEM: DLE, 2003, p. 33-38.

CADEMARTORI, Lígia. Jogo e iniciação literária. In: ZILBERMAN, R.; CADEMARTORI, Lígia. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1984, p. 28-37.

LAJOLO, Marisa. *Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha*. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

BETWEEN KIDS AND POTS: THE WOMAN'S IMAGE IN BILAC'S POETRY

ABSTRACT: The research intends to analyse the patriarchal ideology in Olavo Bilac's *Poesias infantis* (Poetry for children, 1904), considered one of the most representative work at the beginning of Brazilian literature for children. We verified that the way how the images of man and woman are built shows a patriarchal conception, seeing that the poet represent but also emphasizes the social reality, in which predominates a limited vision of woman.

KEYWORDS: woman's image, poetry for children, Olavo Bilac.

Recebido em 27 de junho de 2008; aprovado em 31 de agosto de 2008.